

O Estado de S. Paulo

12/7/1986

"Eles me pegaram"

"Eles me pegaram." Essas foram as últimas palavras de Cibebe Aparecida Manoel, 17 anos, antes de cair, ferida no peito, ao lado da linha férrea que corta o bairro de Santa Rita, local da violência que ocorreu em Leme, ontem de manhã. Cibebe não era trabalhadora rural, mas apenas uma empregada doméstica que estava parada em um ponto de ônibus e que acabou sendo vítima da batalha entre policiais militares e bóias-frias piqueteiros. Maria Aparecida, irmã da patroa de Cibebe, ainda tentou socorrê-la, mas não conseguiu: os policiais, segundo ela, "chegaram batendo", obrigando todos a correr.

Inês Pinheiro dos Santos, mãe de Cibebe, ficou sabendo da morte da filha na Santa Casa de Leme, através de uma vizinha, que pediu para que retornasse "o mais rápido possível" da Fazenda Santana, onde trabalha, na colheita de laranja, em Descalvado. No hospital, Inês não queria acreditar que a mais velha de seus três filhos morreria assim, de "uma forma tão estúpida".

Também foram vítimas do conflito José Carlos Ambrósio e sua esposa, Creusa Aparecida, que moram próximo ao local do piquete. Quando ouviu os tiros e os gritos, Creusa foi para o quintal, acompanhada pelos quatro filhos menores. Segundo ela, alguns policiais que perseguiam os trabalhadores rurais pararam no portão e dois entraram, passando a agredi-la com golpes de cassetetes. José Carlos, que chegava da padaria trazendo leite e pão, ao ver Creusa apanhando, pediu que parassem. Como resposta, conforme contou recebeu uma violenta surra, que resultou em diversas escoriações nas costas e fratura do nariz.

Ele não teve tempo, no entanto, de terminar sua história. Algumas pessoas que acompanhavam a movimentação dos repórteres, começaram a gritar, "a polícia voltou". Duas viaturas da polícia militar corriam atrás de um grupo de trabalhadores rurais, com os policiais atirando para o alto.

Essa perseguição foi justificada, mais tarde, pelo sargento Winston Tristão, como uma represália ao ataque de que fora vítima a família do soldado Cláudio Pereira Lima por volta das 11 horas. O próprio soldado disse que cinco bóias-frias, "armados de revólveres", apareceram no quintal de sua casa, ameaçando sua esposa e os filhos. A polícia, segundo ele, foi avisada, e as viaturas, "que estavam nas proximidades", foram para o local. Lima não soube explicar, contudo, porque os bóias-frias não feriram ninguém.

Um dos apontados como responsável pela invasão da residência do policial, Reginaldo Quirino Lopes, de 17 anos, foi preso minutos depois. Sua cunhada, Vera Rodrigues, disse que ele "foi tirado de baixo da cama" por vários soldados que "apontaram revólveres até para as crianças". Outra vítima da luta da manhã de ontem foi Virgínia Aparecida André, grávida de quatro meses.

Um trabalhador rural escondeu-se no banheiro de sua casa. Ouvindo o barulho, ela saiu pela porta da cozinha — que dá acesso ao banheiro — e foi surpreendida por soldados da tropa de choque, sendo golpeado nos braços e na altura da cintura. "Alguém disse que eu estava grávida e eles foram embora", afirmou Virgínia.

(Página 9)